

Um trauma mal resolvido

Rogério L. Furquim Werneck*

Para Lula e o PT, o desastroso mandato e meio de Dilma Rousseff continua sendo um trauma mal resolvido. Aferrados ao negacionismo, Lula e o partido jamais conseguiram desenvolver uma narrativa apresentável do que se passou entre 2011 e 2016. E o que agora se vê é que essa incapacidade de reconhecer o que, de fato, aconteceu começa a afetar decisões cruciais do presidente eleito sobre a composição da nova equipe econômica e a condução da política econômica do futuro governo.

Para todos os efeitos, Lula se comporta como se, em sua cabeça, o governo Dilma não tivesse existido. Um período a ser desconsiderado e, de preferência, jamais mencionado. O problema é que, como os segmentos mais bem informados da opinião pública estão perfeitamente a par do que se passou no governo Dilma, se cria uma situação de grande constrangimento a cada vez que Lula se permite fazer declarações que parecem presumir que a audiência nada sabe a esse respeito.

Na semana passada, ao se queixar da repercussão negativa do anúncio de um nome que fora aventado para a nova equipe econômica, Lula declarou: “Ao tentarem julgar o que estamos fazendo, digam se em algum momento da vida do mercado brasileiro ganharam tanto dinheiro como... quando eu presidi esse país. Pergunte ao agronegócio, empresários da indústria, banqueiros, mas também perguntem aos bancários, aos comerciários...” (*Poder360*, 13/12).

É até possível que, ao rememorar governos passados, boa parte do empresariado não tenha do que se queixar dos dois mandatos de Lula. Mas não há empresário que possa já se ter esquecido das enormes dificuldades que teve de enfrentar no último governo do PT, que culminou no colossal descarrilhamento da economia perpetrado pela presidente Dilma. São lembranças que não lhe saem da cabeça.

Lula tem feito o possível para se dissociar do calamitoso desempenho de Dilma Rousseff e assegurar que seu novo governo nada terá a ver com aquela experiência tão traumática. Mas, nesse empenho, tem-se defrontado com duas grandes dificuldades.

A primeira é que é mais do que sabido que foi de Lula, e só dele, a ideia de alçar Dilma Rousseff à Presidência da República. Um desatino que, em face de tenaz resistência do PT, teve de ser enfiado pela goela abaixo do partido. A segunda é que Dilma não governou sozinha. E nem errou sozinha. Sua administração foi tripulada de ponta a ponta pelo PT, inclusive com a preservação quase integral da equipe econômica de Lula. Não há como negar que, entre 2011 e 2016, o País foi governado pelo partido.

Como é esse mesmo PT que agora, seis anos depois, voltará a tripular os cargos mais importantes do governo, é mais do que natural que haja grande apreensão com os nomes escalados e as ideias que acabarão prevalecendo. Especialmente porque, diante da extensão do comprometimento do PT com o que ocorreu no governo Dilma, o que acabou se impondo, no projeto de recondução de Lula ao Planalto, foi a aposta no pacto de manter o partido coeso, com olhos fechados para erros e excessos cometidos, em amnésia coletiva, sem recriminações e autocríticas.

Tendo essa aposta negacionista sido coroada de sucesso, não chega ser uma surpresa que o novo governo que agora se forma não esteja conseguindo articular uma visão minimamente lúcida da essência dos desafios de política econômica que o País tem pela frente.

Em nada ajuda a postura revanchista que ainda permeia boa parte do PT e que, há anos, vem dando alento a incansável campanha pelo desmantelamento de tudo que tiver sido concebido e implantado no governo Temer para lidar com o descalabro que lhe deixou a antecessora.

Não é uma coincidência que o objetivo inicial do governo eleito tenha sido botar abaixo duas das principais barreiras de contenção de danos que tiveram de ser erguidas às pressas, em meio à complexa operação de resgate que se fez necessária em 2016: o teto de gastos e a Lei das Estatais.

O que ainda não se sabe é por quanto tempo mais o trauma do mandato e meio de Dilma manterá o novo governo apegado à insensatez.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.